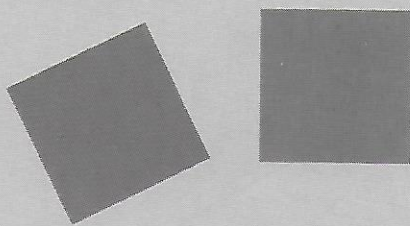




PARADOXOS



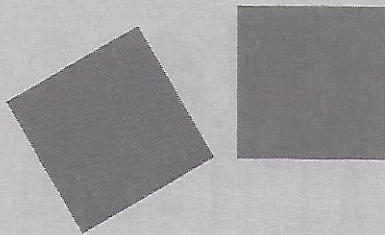
ARTIFICIAIS



A C E R V O

De 4 a 16 de maio de 1993

PARADOXOS



ARTIFICIAIS

ÂNGELO VENOSA
CARLOS FAJARDO
KARIN LAMBRECHT
NUNO RAMOS

*Curadoria
Gaudêncio Fidelis*

*Um cretense afirma que
"Todos os cretenses são mentirosos."*

Não se pode dizer que o calor e a luz não existam sob a forma de um paradoxo. Se exhibir a luz é deter o brilho e, se emanar o calor é dividir o corpo, nada mais do que se pense ser a priori condições de existência, pode, em algum momento, constituir uma soma.

Tornado possível sob esse paradigma, um paradoxo seria ao mesmo tempo um hiato entre o qual o pensamento subsiste artificialmente. Tal suposição, não fosse um meio de pensarmos sobre a condição do homem e da obra, significaria o resultado de conjecturas convenientes, locadas para uso próprio.

A divisão de um mundo comum pode ser no máximo produto de um acordo. As fronteiras que afastam e aproximam, constituem na verdade, o produto de um desejo, sob o qual se busca um caráter exemplar das coisas.

Se perseguirmos, por exemplo, a razão conceitual que une esses trabalhos, estamos na verdade procurando obter uma relação diádica, cuja única saída seria a tríade, a consciência das arestas de nossa presença. Cinismo à parte, não podemos ver a obra sozinha, somente em relação à outra. Vemos no entanto, muitas vezes, em relação a nós mesmos. Mas não é somos obra, nem somos corpo. Somos a consciência de um terceiro, que pode constituir um ponto de referência para intermediários.

Constituir esta exposição é um evento comemorativo. Mas não é, como em alguns casos, uma espécie de terapêutica institucional. Interessa na verdade construir uma irrupção construtiva de pensamento, que mesmo com a tutela onipresente do Estado, não infantiliza a complexidade social de projetos que são na verdade agenciamentos coletivos da libido das coisas, buscando conectá-las a possibilidades cada vez mais abertas a uma dimensão societária.

Se horizontalizássemos essas obras, tangenciando potencialmente o olhar em suas arestas, veríamos uma assustadora similaridade de acidentes, como que a recusar-se à diferença. A água, por exemplo, 'empurra' para a superfície a síntese de sua forma, demonstrada numa planaridade sobre a qual poderíamos caminhar. Por que não? Essa planaridade é contígua a superfície do corpo, assim como toda a pele desses trabalhos. Aquela que o olhar, condição material e inversamente proporcional ao ver, sobre ela toca.

Aparentes contradições são razões de desgracia. Por outro lado, oferecem possibilidades de que o sujeito último, cujo estar substancial nunca pode ser pensado através de nós, é absolutamente permanente e cuja presença não pode desaparecer por qualquer virtude da natureza. Sua verdade objetiva ou seu engodo ideológico é antes de tudo um serviço considerável à sensibilidade humana, que em si distingue as coisas através de um só conceito.

Colada às arestas está a história. Mas não nos esqueçamos que esta é antes de tudo a finalidade da aparência do gesto, ainda que este seja uma tentativa de formalização do pensamento. É necessário que nesse sentido a obra ofereça uma explicação de seu próprio procedimento, em parte porque a impossibilidade de se ater a contingência é a estrutura de uma chave operatória que podemos escolher.

*Esta exposição fala do espaço,
da situação, do mesmo, da energia,
do toque, da desinibição, da ordem,
da água, das partes, da união, do ser,
do possível, da natureza, da forma,
da permanência, da relação, do corpo,
da dissolução, do ver, da estrutura,
da incomensurabilidade, de subjazer,
da possibilidade, da religião, de fundar,
da construção, do enredo, do ato,
do sagrado, de evitar, da massa,
da imposição, da liberdade,
de anteparos, de estar, da superfície,
de revelar, do privilégio, do idealismo,
do belo, de querer, do exemplo,
da origem, do bem, do apetite,
da inteireza, do não, do objeto,
do particular, do gozo,*

*de característica,
do oposto, de aparência,
do caráter, do feio,
do manifesto, do sujeito,
da distância, de adquirir,
de abdicar, de existir,
da compaixão,
do momento, dos fatos,
da ausência, do lapso,
da extinção, do lamento,
da vulnerabilidade,
do sim, da expansão,
da existência,
de nenhum, da inversão,
da repressão, do mal,
da gratuidade,
do possível, da luz,*

*de constituir, do eco, da explicação,
da eficácia, do rompimento, da posse,
da frontalidade, de sugerir, do eixo,
da detenção, de algum, de conflitos,
de sobrevida, de constituir, do centro,
da ordenação, das voltas, de instituir,
da linguagem, de residir, do sob,
da verdade, da dúvida, da figuração,
de insistir, do poder, do contingente,
da curiosidade, do nexo, da espécie,
da condição, da procura, da difusão,
da espacialidade, da linguagem,
da transposição, do sobre,
da aparência, da ilusão,
da universalidade, de recuperar,
de desvendar, do resultado,
da certeza, das equivalências,
do limite, do conceito, da função,
do drama, da dependência,
da convivência, de julgar, do mundo,
da ordem, do ser, da ação,
da configuração, da superioridade,
da definição, do zero, de tanto,
da formação, da análise, de um lado,
da lógica, do comprometimento,
do consciente, do tempo, do outro lado,
de pouco, do simbólico, do antes,
das correlações, de tipos, de estabelecer,
da impregnação, de visar, de ver, do último,*

PARADOXOS ARTIFICIAIS



Ao que parece, há um otimismo em todas as coisas. Uma vontade condicionada a possibilidades múltiplas sobre as quais o pensamento incide, não fosse ele uma hipótese necessária para sugerir modos de existência dos objetos, que por seu turno podem no máximo tornar-se mais privados e íntimos. Trata-se da dignidade, somente da dignidade. Essa perturbadora necessidade, cuja substância limita aos olhos nosso mundo dos sentidos, segundo princípios da maior unidade possível, mas que é sobretudo um ponto de salvação.

Não nos enganemos no entanto. A capacidade de resistência, diríamos enfim, estaria no lapso de que falávamos no começo. O lapso de tempo, sobre o qual situar-se-ia a condição instaurada e sua conseqüente duração. Eis o dilema da condição contemporânea. Conhecemos a legitimidade desta barreira, seja qual for a natureza que a alimenta. Tanto nos desgraçamos por desejar deliberadamente a propriedade legal do outro, tanto por reivindicar a posse em questão e desejar explicitamente romper o limite ou por vezes deixar a condição de sujeito passar a de objeto.

A possibilidade de convivência (em outras palavras, a possibilidade do real) seria por hora, a excessiva proximidade entre a linha afiada e a linha cega (o dentro do dentro que já não se vê a si mesmo como condição em separado), tomada de empréstimo pelo espaço limítrofe criado por esta atmosfera de estranhamento quando do corpo a nossa frente.

O tema portanto uma vez instaurado é na realidade a atualização numa constância, do que se constitui aqui como mecanismo explicitador. Inaugura-se então uma ordem extremamente intensa de visibilidade que já não é aquela do antes, simplesmente porque já é do depois. No entanto, a contraface, existe como promessa para caso o lapso se rompa na tentativa de um desvelar de realidades ocultas, de planos atrás de planos, na qual supostamente devesse haver um mínimo do que se poderia chamar de coisas análogas que teria um parentesco com o que se crê verdadeiro.

A barafunda seria o estar de costas para o corpo porém de frente para o mundo ou vice-versa. Os dois no mesmo, usufruindo da conquista do estar convencionado e do não se ver providencial que em última análise pode ser uma mentira, como pode ser uma verdade. O jogo de representações complexivas é o que se pergunta por hora de uma hipótese rica e tentadora sobre o que explicita e o que dissimula durante a cena. Se o objeto ou o sujeito. Qualquer sinal, porém de circulação de sentido é no mais das vezes 'aqui' e 'ali' impossível de realização.

O que temos é uma problemática onde as faces são diferentes sem existir moeda, explorando-se conseqüentemente a natureza explicitadora, portanto planificadora de uma percepção radiográfica cujo o êxtase é ver a si mesma, sem saber-se completamente cega.

Eis o cerne de todo o problema. O interior do dentro no qual se fala da explicitação do mundo das coisas, através de um mecanismo, ele próprio explicitador. O forte componente legitimador paira constantemente sobre este sugerindo a todo o momento o lapso de localização entre o ser e o estar, sobre o qual uma possível ação dramática (na qual se funda o princípio de reversibilidade), aponta vagamente não para uma ordem secreta que governa os fatos aparentes, mas para uma desautomatização de princípios artificiais sobre o qual estariam construídas convicções. Na verdade é como se houvesse uma espécie de componente ilícito, responsável por qualquer inibição de energia em cujas provas concretas de existência residiria uma espécie de farsa resultante do olhar radiográfico.

*da produção, da tensão, do certo,
da matriz, da legitimação, da relação,
do surgir, do menos, da exibição,
da mediação, da farsa, de ir, da função,
do primeiro, da interpretação,
das coisas, de servir, de provas,
da seleção, da absorção, do primeiro,
do idôneo, do vago, do provável,
da associação, da validade,
do resultado, das realizações, de obter,
de pressões, das correspondências,
do concreto, do seguro, do impossível,
de esquema, de responsabilidade,
de inibição, do real, da crítica,
do mensurável, do sentido, do motivo,
do ilícito, do fora, da suposição,
da propriedade, do compreensível,
do discurso, da hora, do explícito,
do lugar, de convicções, do artifício,
da preocupação, da conexão, do entre,
de princípios, do secreto,
do conseqüente, da aparência,
da desautomatização, de elementos,
de resistência, de governar,
de construir, da condição,
da capacidade, de encadeamento,
de paradoxo, de reverter, de apontar,
da análise, do estrangeiro, de ter,
de usufruir, da diferença, do ali,
de realizar, de legitimar, de ser,
do mesmo, das faces, da convenção,
da conquista, da mentira, dos dois,
do uso, da localização, de vice-versa,
do todo, do mais, do aqui, da frente,
do constante, da dissimulação,
do sinal, de sugerir, de crer,
das costas, do próprio, de analogia,
de pairar, da barafunda, de parentesco,
da cena, da força, do jogo, de eliminar,
de explicitar, de compor, da cegueira,
do mínimo, de mecanismo,
de hipóteses, de tentar,
da representação, do cenno,
do providencial, de chamar, de dentro,
dos planos, da fala, de riqueza,
de problema, de perguntas, de supor,
de realidades, da mentira, do plano,
do atrás, do êxtase, da análise,
do oculto, de haver, de complexos,
de dever, de desvelar, de criar,
de alimentar, do porquê,
da contra-face, de si, de romper,
do empréstimo, de barreiras,
da desgraça, da resistência,
da promessa, de conhecer,
de deliberar, do começo,
da intensidade, do depois, do dilema,
da contemporaneidade, do fio,
da extremidade, da duração,
do simples, daquela, do excesso,
do engano, da salvação,
da instauração, das palavras, da linha,
da visibilidade, de deixar,
da proximidade, da capacidade,
do ponto, dos outros, da unidade,*

A absorção do possível estaria numa certa tensão de enfrentamento que como já se viu, está as voltas com o encadeamento paradoxo/lapso/tempo.

A capacidade de resistência reside fora de uma discursividade explicitante, preocupada com o lugar do real, portanto do sentido. O mensurável e compreensível estão 'entre' não 'no'. Seguramente esta é a indicação que o contraste, impossível de ser obtido através de correspondências, constitui-se no surgimento, vale dizer, de pressões seletivas a realizações.

É possível que em última análise estejamos às voltas com o que é conseqüentemente estrangeiro. Esse elemento existiria como condição, através de uma conexão lógica entre relação e propriedade discursiva.

O motivo para uma suposta crítica é originário do fato de que esta se constitui como um esquema provisório por que deflagrador, porém não menos idôneo. Tal estado de coisas serve como matriz para a formação de funções judicativas mediadas antes somente por uma relação simbólica portanto arregimentadora e não formativa. Fato de uma ordem superior que se configura como conceito-limite, que julga desvendar a produção passo a passo, sua condição de aparência, que descortinaria um contingente sob o qual residiria a dúvida.

A linguagem espacializadora aqui instituída evita conflitos e não constitui. Em vez disso institui, legitimada pelo grau zero articulado num tempo consciente e lógico, não comprometendo por outro lado a possibilidade de uma possível ação dramática. A convivência porém de uma certa transposição universalizadora procura recuperar o nexo, o qual ela curiosamente não pode possuir ainda que sugerindo uma possível ordenação dos fatos.

O eixo central é a explicitação de correlações estruturais associada à interpretação de tipos de ordem, que visam estabelecer a impregnação definitiva de uma análise funcional de que o mundo seria resultado de uma dependência de fatos e equivalências, cuja ilusão estaria difundida. Espécie de pré-figuração da verdade que insistiria em sua sobrevida já no entanto às voltas com o eco de sua não existência. A eficácia de uma possível inversão não gratuita dos fatos não existiria sem pena de abdicarmos entre o sim e o não, o belo e o feio, o mal e o bem. Privilegiados pela antecâmara de um ato não revelador estaríamos livres da construção de um enredo. A possibilidade estruturadora ou a dissolução violenta não seria da ordem de uma desinibição de energia, porque a mesma não se constitui em algum momento como instância reprimida. Que se extinga ou que se expanda, a ausência do oposto adquiriria um caráter particular uma vez que não gozaria do apetite incestuoso da origem.

Nesse estágio, e a água é o exemplo, a superfície a que se impor, pois o corpo, a massa fundante da mesma, subjaz na sua incomensurabilidade ainda que permanência. Dada a natureza da água e sua preeminência, tocá-la implicaria não em uma situação de frontalidade, mas no romper do lapso, esta portanto a vulnerável forma que uma louvável existência e distância evitaria.

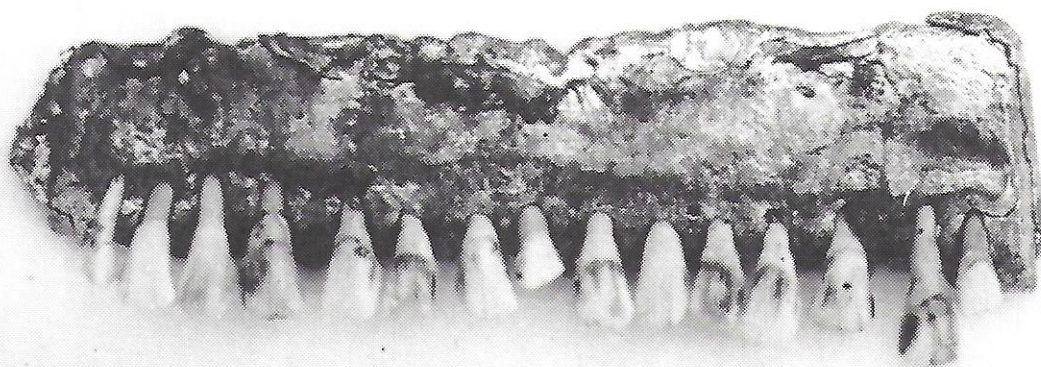
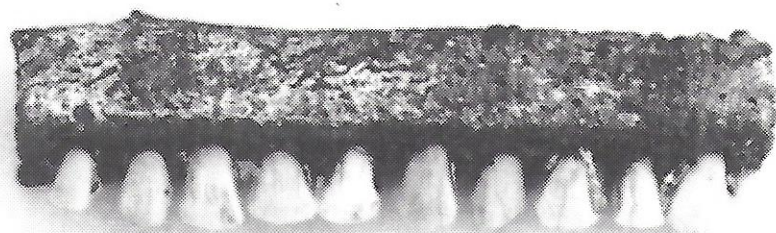
Trata-se enfim do olhar manifesto que se quer sujeito e não objeto, mas cuja aparição caracteristicamente radiográfica, se vê como inteireza ainda que querendo-se idealisticamente como anteparo a evitar a si mesmo. Através de uma sacração quase religiosa, de uma fatídica possibilidade do ver a relação de qualquer forma quase faz possível unir as partes do espaço.

*de inaugurar, de explicitar,
da convivência, do maior, do tema,
da constância, de mecanismo,
de romper, de desejar, de tanto,
da questão, da atualidade,
de princípios, da realidade,
de instaurar, do gesto, da pele,
da substância, do estranhamento,
da frente, de reivindicar, de atmosfera,
da legalidade, da prosperidade,
da pertunção, do antes, da aparência,
da privacidade, da desgraça,
de oferecer, das razões,
das contradições, do máximo,
da necessidade, do engodo,
da intimidade, da história, de tudo,
do depois, da sugestão,
do esquecimento, da finalidade,
do pensamento, do inverso,
da proporção, do serviço,
da incidência, das arestas, do susto,
do material, da distinção, da vontade,
da humanidade, de caminhar, da obra,
do parecer, da sensibilidade,
da consideração, do nunca,
da ideologia, dos trabalhos, da escolha,
de planaridade, da chave, de síntese,
do meio, da operacionalidade,
da virtude, da presença,
da objetividade, de uma parte,
do último, de desaparecer,
de empurrar, do substancial,
da recusa, de nós, de similaridade,
de acidentes, do absoluto,
da permanência, da tentativa,
da explicação, da diferença,
de procedimento, de oferecer,
de pensar, de exemplo,
da contiguidade, da superfície,
da potência, do acordo, da divisão,
de intermediários, do horizonte,
da conveniência, de referências,
do comum, do terceiro, de tangenciar,
de conjecturar, da consciência,
do social, de solidão, de conexão,
da busca, da presença, do cinismo,
da abertura, da locação, da saída,
do significado, da libido, de triade,
do único, de complexidades,
da coletividade, da razão, do nada,
do homem, de projetos, de perseguir,
da suposição, de subsistir, da diade,
de procurar, de emanar,
da onipresença, da infantilidade,
de paradigma, da soma, do calor,
do interesse, do produto, de evento,
da tutela, do hiato, da irrupção,
de construir, de comemoração,
de aproximação, de terapêutica,
da artificialidade, de agenciamento,
do afastamento, das fronteiras,
do olhar, do fim.*

Gaudêncio Fidelis

À ANGELO

VENOSA



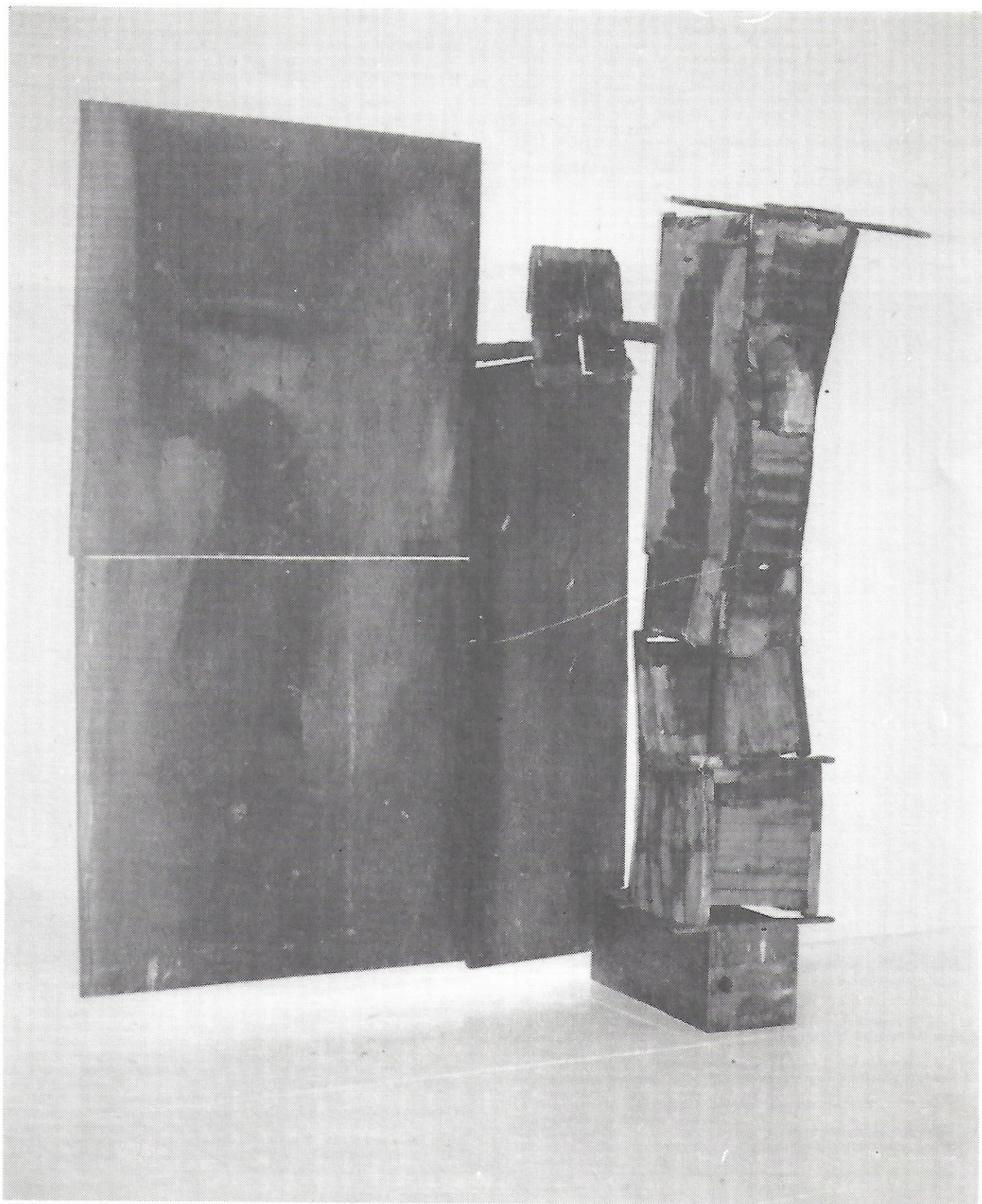
Sem Título, 1993
40 x 25 x 3 cm
Chumbo e dentes

CARLOS

FAJARDO



Escultura, 1989
Esfera de glicerina
Ø 38cm



Pintura, 1987
"Ester, ou Ester entra no patio
interior da casa do rei.
250 x 220 cm - 245 x 33 x 70 cm
Pigmento, acrílico, goma laca sobre tela
e metal enferrujado com estrutura de madeira.



Sem Título, 1991
4,00 x 2,50 cm
Materiais diversos

ÂNGELO VENOSA

FORMAÇÃO

1974/77 — ESDI — Escola Superior de Desenho Industrial, Rio de Janeiro, curso de Desenho Industrial.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1985 — Centro Empresarial Rio, Rio de Janeiro-RJ.
- 1986 — Subdistrito Comercial de Arte, São Paulo-SP.
- 1988 — Galeria Montesanti, Rio de Janeiro-RJ.
- Galeria Sérgio Milliet, FUNARTE, Rio de Janeiro-RJ.
- 1991 — Galeria Paulo Figueiredo, São Paulo-SP.
- 1993 — Instituto Estadual de Artes Visuais. Casa de Cultura Mário Quintana. Ciclo Arte Brasileira Contemporânea. Porto Alegre-RS.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1983 — Pintura no Metrô, Rio de Janeiro.
- Pintura! Pintura!, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.
- 1984 — 7.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro.
- Arte Brasileira Atual, Universidade Federal Fluminense, Niterói. (Prêmio Souza Cruz)
- 1985 — 8.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro.
- Subdistrito Comercial de Arte, Inauguração, São Paulo-SP.
- Rio Narciso, Escola de Artes Visuais Do Parque Lage, Rio de Janeiro.
- Ateliê da Lapa, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Arte/Construção, Centro Empresarial, Rio, Rio de Janeiro.
- 1986 — Nova Escultura, Galeria do IBEU, Rio de Janeiro.
- Projeto Arte Brasileira, FUNARTE, Rio de Janeiro.
- A Nova Dimensão do Objeto, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.
- Sete Décadas de Influência Italiana na Arte Brasileira, Paço Imperial, Rio de Janeiro.
- 9.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Belo Horizonte.
- 1987 — XIX Bienal Internacional de São Paulo.
- Modernidade, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris e MAM/São Paulo.
- Senise/Watson/Venosa, Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro.
- 1988 — 10.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro.
- Panorama de Arte Brasileira Atual, Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Escultura para a Nova praça Mauá, Galeria do Centro Empresarial Rio, Rio de Janeiro.
- 1990 — Março de 1990: Instalação de escultura pública na Praça Mauá, Rio de Janeiro.
- Sala Uno, Roma.
- 1991 — Viva BRASIL Viva, Liljevalchs Konsthall, Stockholm.
- Brasil, la Nueva Generación, Museo de Bellas Artes, Caracas, Venezuela.
- Panorama de Arte Brasileira Atual, Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- 80/90 Formas Tridimensionais: A Questão Orgânica, Museu Municipal de Arte, Curitiba.
- 1992 — Escultura 92, 7 Expressões, Espaço RB1, Rio de Janeiro.
- Lúcia Lâmina, Galeria GB, Rio de Janeiro.
- Galeria Camargo Vilça, São Paulo.
- Frida, Ivens, Nuno, Venosa — Quatro Artistas da Coleção Marcantonio Vilça, Casa das Rosas, São Paulo.
- Polaridades e Perspectivas, Paço das Artes, São Paulo.
- Galeria Sotavento, Caracas Venezuela.
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Inauguração da Sede Cidade Universitária.
- Brazilian Contemporary Art-Image Distribution Project, Inauguração e lançamento, IBAC, Rio de Janeiro.
- Selecionado para a delegação brasileira à Bienal de Veneza em sua edição de 1993.

COLEÇÕES

Afonso Ramos Costa
Instituto Brasileiro de Arte Contemporânea (ex-FUNARTE)
João Leão Sattamini
José Otávio Montesanti
Kim Esteve
Marcantonio Vilça
Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.
Museu Nacional de Belas Artes
Universidade Federal Fluminense

ATIVIDADES DIDÁTICAS

1990/91 — Professor do Núcleo 30 da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.
Curso de Férias na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Radha. "Matéria sem disfarce", Isto É, 7 de outubro de 1992, p. 67.
- AGUILAR, Néson. "Frida, Ivens, Nuno, Venosa", catálogo da exposição na Casa das Rosas, Secretaria Estadual de Cultura do Estado de São Paulo, São Paulo, 1992.
- AMARAL, Aracy. "Brasil: Una nueva generación", catálogo da exposição no Museo de Bellas Artes, Caracas, Venezuela, 1991.
- BRITO, Ronaldo. "O novo tardio", cartaz/catálogo para a 19.ª Bienal Internacional de São Paulo, 1987.
- Trechos desse texto constam do catálogo da exposição "Modernidade", Musée d'Art Moderne, Paris, 1987 e MASP, São Paulo, 1988 e do catálogo do 10.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio, 1988.
- BRITO, Ronaldo. "Singulares e Equívocas", catálogo da exposição individual na Galeria Subdistrito, São Paulo, 1986.
- MORAES, Angélica de. "A casa do espanto", Veja, 11 de abril de 1990, p. 82.
- MORAES, Angélica de. "Formas de Pesadelo", Veja, 13 de abril de 1989, p. 146.
- MORAIS, Frederico. "Angelo Venosa", catálogo geral da 19.ª Bienal Internacional de São Paulo, 1987.
- NAVES, Rodrigo. "Naturezas Mortas", catálogo da exposição na Galeria Sérgio Milliet, FUNARTE, Rio, 1989.
- OLIVA Achille Bonito. Apresentação do catálogo da exposição "Frida Baranek, Ivens Machado, Milton Machado, Daniel Senise e Angelo Venosa", Sala Uno, Roma, 1990.
- VENÂNCIO FILHO, Paulo. "Escavações em dois tempos", Guia das Artes Plásticas, Ano 2, n.º 6, 1987.

CARLOS FAJARDO

FORMAÇÃO

- 1963/69 — Arquitetura, Universidade Mackenzie, São Paulo
- 1964/65 — Desenho, Pintura e Comunicação Visual com Wesley Duke Lee
- 1970 — Gravura em Metal com Maciej Bavinski
- 1979 — Litografia com Regina Silveira

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1979 — Galeria Luiza Strina, São Paulo
- 1980 — Livraria Universo, São Paulo
- 1983 — Galeria Luisa Strina, São Paulo
- 1984 — Funarte, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro
- Gabinete de Arte Raquel Arnaud, São Paulo
- Galeria de Arte Universal Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro
- 1987 — Galeria Sérgio Milliet, Funarte, Rio de Janeiro
- 1988 — Galeria Usina, Vitória, Espírito Santo
- 1989 — Gabinete de Arte Raquel Arnaud, São Paulo
- 1991 — Gabinete de Arte Raquel Arnaud, São Paulo
- 1991 — Capela do Morumbi, SMC, São Paulo
- 1992 — Centro de Estudos Brasileiros, Assunção, Paraguai
- 1992 — Instituto Estadual de Artes Visuais-Galeria de Arte Casa de Cultura Mário Quintana. Ciclo Arte Brasileira Contemporânea. Porto Alegre-RS
- 1992 — Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Instituto de Ciências Humanas da UFPEL, Pelotas-RS

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1967 — "Jovem Arte Contemporânea", MAC USP, São Paulo
- IX Bienal de São Paulo
- 1973 — "Panorama de Arte Atual Brasileira", Museu de Arte Moderna de São Paulo
- 1974 — 9.º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, São Paulo
- 1978 — XXXVIII Bienal de Veneza, Itália
- 1979 — "O Retorno à Figuração", Museu Lasar Segall, São Paulo
- "O Objeto na Arte Brasileira, Os Anos 60", Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo
- "O Desenho como Instrumento", Pinacoteca do Estado de São Paulo
- 1981 — XVI Bienal de São Paulo
- 1982 — "Entre a Mancha e a Figura", Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
- 1983 — "3.4 Grandes Formatos", Centro Empresarial, Rio de Janeiro
- 1984 — "Madeira Matéria de Arte", Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
- 1985 — "Uma Luz Sobre a Cidade", Universidade Federal do Rio de Janeiro
- "Panorama da Arte Atual Brasileira", "Formas Tridimensionais", Museu de Arte Moderna, São Paulo
- "A Arte e seus Materiais", 8.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, Rio de Janeiro
- 1986 — 1.ª Mostra Internacional de Escultura Efêmera, Fundação Demócrito Rocha, Fortaleza, Ceará
- "A Nova Dimensão do Objeto", MAC USP, São Paulo, XIX Bienal de São Paulo, "Em Busca da Essência"
- 1988 — "63/66 Figura e Objeto", Galeria Fenando Milan, São Paulo
- 1991 — "Panorama de Arte Atual Brasileira". Formas Tridimensionais, Museu de Arte Moderna, São Paulo

EXPOSIÇÕES EM GRUPO

- Grupo Rex, formado por Geraldo de Barros, Wesley, Duke Lee, Nelson Leiner, Frederico Nasser, José Resende e Carlos Fajardo
- 1966/67 — Galeria Rex, São Paulo
- Grupo formado por Luís Paulo Baravelli, Frederico Nasser, José Resende e Carlos Fajardo
- 1968 — Petite Galeria, Rio de Janeiro
- Art-Art, São Paulo
- 1970 — Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro
- Museu de Arte Contemporânea, USP, São Paulo
- 1972 — Pré-Bienal, Sala Especial, São Paulo

ATIVIDADES DIDÁTICAS

- 1965 — Fundamentos de Desenho, Escola Superior de Desenho Industrial de Ribeirão Preto, São Paulo
- 1968/84 — Desenho de Observação, Curso Universitário, São Paulo
- 1970/74 — Escola Brasil
- 1971 — Monitor da Cadeira de Desenho de Observação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, São Paulo
- 1974/88 — Curso livre de Desenho, São Paulo
- 1983/88 — Conferencista do Curso de Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
- 1986 — Festival de Artes da Cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul
- 1987 — II Festival de Artes da Cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul
- 19.º Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, São João D'el Rei, MG
- 1988 — 20.º Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, Poços de Caldas, MG
- Curso de Desenho, Universidade Federal de Fortaleza, Ceará
- Curso de Desenho, Universidade de Bauru, São Paulo
- 1989 — I Festival de Verão da Universidade Federal do Espírito Santo, Nova Almeida, ES

PUBLICAÇÕES

- Profile of he new Brazilian art. Pietro Maria Bardi, Livraria Kosmos Editora, 1970.
- Dicionário de artes plásticas no Brasil, Roberto Pontual, Editora Civilização Brasileira, 1969
- Arte/Brasil/Hoje, 50 anos depois, Roberto Pontual, Collectio Artes Ltda., 1973.
- Objeto na arte Brasileira, anos 60, Dayse Peccininni, Fundação Armando Álvares Penteado, 1978
- La Biennale di Venezia, 1978, catalogo generale, Edizioni
- "La Biennale de Benezia", 1978
- XVI Bienal de São Paulo, catálogo geral, Fundação Bienal de São Paulo, 1981
- História geral das artes no Brasil, Coordenador-Geral Walter Zanini, Instituto Walter Moreira Salles, 1983
- XIX Bienal de São Paulo, catálogo "Em busca da essência", Fundação Bienal de São Paulo, 1987

BOLSA Ivan Serpa, INAP-Funarte, 1987

BOLSA VITAE, 1989

MEMBRO da Comissão Nacional de Artes Plásticas, Ministério da Cultura, Biênio 1988/89.

KARIN LAMBRECHT

FORMAÇÃO

- 1975/79 — Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
1980/82 — Pintura com Raimund Girke, Hochschule der Künste, Berlin.
1986 — Millay Colony for the Arts, Austerlitz, New York.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1979 — Espaço 542, Porto Alegre
1984, 86 e 89 — Galeria Tina Presser, Porto Alegre
1985 — Sala Bandeirantes, Curitiba
1986e89 — Espaço Capital, Brasília
1987 — Petrus Kirche, Berlin
1988 — Thomas Cohn Arte Contemporânea, Rio de Janeiro
Usina, Vitória
Galerie M. Kassel
1990 — Subdistrito, São Paulo
1992 — Goethe Institut, Porto Alegre

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1983, 84 e 85 — "Salão Nacional de Artes Plásticas", Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro
1983 — Goethe Institut, Porto Alegre
1984 — "Geração 80", Rio de Janeiro
"Arte na Rua 2", São Paulo
1985 — "Expressionismo no Brasil Heranças e Afinidades"
18.º Bienal Internacional de São Paulo
1987 — 19.º Bienal Internacional de São Paulo
1989 — "Panorama de Pintura", Museu de Arte Moderna, São Paulo
Galerie Raue, Bohn
1990 — "Art Cologne", Galeria Subdistrito, Köln
"Quartado" Goethe Institut, Porto Alegre e Santa Maria
1991 — "Viva Brasil Viva" Kultur huset, Stocjholm
"Brasil, la nueva generación", Fundación Museo de Bellas Artes, Caracas
"BR 80", Instituto Cultural Itaú, Porto Alegre e São Paulo
Subdistrito, São Paulo
"Cuarta Bienal de Habana", Habana
1992 — Subdistrito, São Paulo
"Arte Amazonas", Goethe Institut, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro
"Programa de exposições do Centro Cultural São Paulo", São Paulo
Homenagem a João Sattamini, Casa das Rosas, São Paulo
1993 — Acervo da Galeria Camargo Vilça, São Paulo

NUNO RAMOS

- 1960 — Nasce em São Paulo
1982 — Formado em filosofia pela USP
1983 — Passa a integrar o ateliê Casa-7
1984 — Prêmio Aquisição — 2.º Salão Paulista de Arte Contemporânea
Prêmio Viagem ao exterior — VII Salão Nacional de Artes Plásticas.
1986 — 1.º Prêmio de Pintura — VI Trienal de Nova Delhi, Índia
1987 — Recebe a Bolsa Emile Eddé
1990 — Prêmio Brasília de Artes Plásticas

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1983 — SESC — VILA NOVA, São Paulo
1987 — INAP — FUNARTE, Rio de Janeiro, individual do ciclo "Perspectivas Recentes da Escultura Brasileira"
1988 — INAP — FUNARTE, Rio de Janeiro
MAC, São Paulo (Bolsa Emile Eddé)
1990 — GABINETE DE ARTE — São Paulo
CENTRO CULTURAL SÃO PAULO
PULITZER ART GALLERY, Pulitzer Hotel, Amsterdam
1991 — GABINETE DE ARTE — São Paulo
1992 — INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS — Galeria de Arte. Ciclo Arte Brasileira Contemporânea. Casa de Cultura Mário Quintana. Porto Alegre-RS
EDEL TRADE CENTER. INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS — Porto Alegre-RS

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1983 — Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba
1984 — "Painéis" com Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade no Paço das Artes, São Paulo
"Pintura", com Sergio Fingerhann e ateliê Casa-7, no Centro Cultural São Paulo
"Arte na rua 2" — pintura em outdoor em São Paulo
2.º Salão Paulista de Arte Contemporânea — Prêmio Aquisição
VII Salão Nacional de Artes Plásticas — Prêmio Viagem ao exterior
1985 — "Casa-7", Museu de Arte Contemporânea de São Paulo
"Casa-7", Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
"12 artistas paulistas", Galeria Subdistrito, São Paulo
XVIII Bienal Internacional de São Paulo — Representação brasileira
"Expressionismo no Brasil" — XVII Bienal Internacional de São Paulo
1986 — VI Trienal de Nova Delhi, Índia — 1.º Prêmio de Pintura
II Bienal Internacional de Havana, Cuba
Bienal Latino-América de Arte sobre papel, Buenos Aires, Argentina
1988 — "Brasília, Museum Morsbraich, Leverkusen, Galerie Landergirokase, Stutthgart e Sprengel Museum, Hannover
"Modernidade", Musée de la Ville de Paris e Museu de Arte Moderna de São Paulo
"Anos 80", galeria ARCO, São Paulo
1989 — "10 Artistas", atelier independente, São Paulo
Homenagem a Carlos Ziccardi, Subdistrito, São Paulo
XX Bienal Internacional de São Paulo — Representação Brasileira
1991 — "Brasil — La Nueva Generación", Museu de Caracas, Venezuela
(BR-80) Galeria Itaú
Bienal de Pintura de Cuenca, Equador

O evento Paradoxos Artificiais dá continuidade ao programa de exposições de acervo que o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul vem promovendo com o objetivo de mostrar a produção contemporânea brasileira em Artes Visuais.

Esta exposição traz à público obras de quatro grandes artistas brasileiros extremamente significativas dentro de sua produção.

A partir deste evento o M.A.C.R.S definitivamente consolida seu patrimônio como de considerável importância dentro do panorama museológico do país, através da inclusão em seu acervo de obras de artistas cuja produção é reconhecida nacionalmente e fora do país.

Governador do Estado do Rio Grande do Sul
ALCEU COLLARES

Secretária de Estado da Cultura
MILA CAUDURO

Diretor do Instituto Estadual de Artes Visuais
GAUDÊNCIO FIDELIS

Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul

Diretor
GAUDÊNCIO FIDELIS
Assessoria de Relações Externas
IARA GAY DE CASTRO
Assessoria de Imprensa
DÉCIO PRESSER

Divisão de Acervo
Museólogo Responsável
YVONE BERNHARDT
Divisão de Documentação e Pesquisa
CELSO VITELLI
Divisão de Exposições Temporárias
Coordenação
CHRISTIAN VARGAS
Divisão de Ação Cultural
SUZANA VIEIRA DA CUNHA
Assessoria de Montagem
KARIN SCHNEIDER
Montagem de Exposições
RONEI KOLESNY
Conselho Consultivo
GAUDÊNCIO FIDELIS — Presidente
CÍRIO SIMON
EDUARDO VIEIRA DA CUNHA
JADER SIQUEIRA
JOSÉ ALBANO VOLKMER
JOSÉ FRANCISCO ALVES
MILTON COUTO
TÂNIA RESMINI

Administração
LAURA BENTO SOARES
VINÍCIO GIACOMELI
ÂNGELA MAGDA LENA
Técnico de Montagem para esse evento
NERISSON LUX

O Governo do Estado do Rio Grande do Sul agradece a estes quatro artistas pela doação destas obras à esta instituição, tornando-as assim patrimônio público.



*Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria de Estado da Cultura
Instituto Estadual de Artes Visuais
Museu de Arte Contemporânea*



MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL

CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA

Rua dos Andradas, 736 • 6º andar • Porto Alegre • RS
CEP 90020-004 • FONE: (051) 221-7147 • R 263 • FAX: (051) 227-4427

• B R A S I L •